

Galvêas não vê como incluir candidatos na renegociação

ARNOLFO CARVALHO
Enviado Especial

Washington — O ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, afastou ontem a possibilidade de se contar com a participação dos candidatos à sucessão do presidente João Figueiredo na fase final da renegociação da dívida externa que vence a partir de janeiro, argumentando que isto seria muito difícil do ponto de vista prático. "Basta imaginar o que aconteceria se nós estivéssemos negociando com o governo dos Estados Unidos e chamássemos o senhor Mondale para conversar", observou.

Em sua opinião, a administração Figueiredo está procurando aproveitar o clima favorável ao Brasil, que existe atualmente junto à comunidade financeira internacional, para buscar as melhores condições possíveis. "Acho que isto interessa ao Brasil e deve interessar a qualquer um dos dois candidatos à sucessão, que conhecem o problema (do endividamento externo), inclusive pelo lado prático, devendo saber que estamos procurando as melhores condições".

Galvêas disse concordar "em parte" com a colocação feita ontem pelo presidente Ronald Reagan perante a assembleia do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, segundo a qual mais importante do que a

questão dos juros é a reativação do comércio mundial. "Acho que as duas coisas são importantes, embora a queda nas taxas internacionais de juros pudesse beneficiar imediatamente os países com problemas de dívida externa, enquanto a expansão do comércio representa a solução mais permanente e duradoura".

Apos ouvir a fala do presidente americano, o ministro manifestou a esperança de que o governo americano esteja desde já trabalhando para reduzir seu déficit fiscal e assim permitir a baixa dos juros internacionais. "Eles estão trabalhando duramente para isso e estou confiante na obtenção de resultados". Mesmo assim ele voltou a abordar a necessidade de medidas concretas dos Estados Unidos nesta área, durante seu pronunciamento no fórum das Américas, promovido pelo Brasilinvest.

O ministro da Fazenda também considerou o discurso de Reagan como uma confirmação das teses que haviam sido discutidas no último fim de semana dentro dos comitês interinos e de desenvolvimento do FMI/Banco Mundial. "Acho que o presidente está demonstrando uma perfeita consciência dos problemas mundiais, principalmente no que se refere aos países em desenvolvimento, e está contribuindo para dar uma solução dentro dos limites da sua administração", observou, dizendo que não tem ne-

nhuma ressalva aos demais pontos do pronunciamento.

Quanto à preocupação dos bancos credores com a sucessão presidencial no Brasil, Ernane Galvêas disse esperar que o país possa concluir a renegociação da dívida externa ainda neste final da administração Figueiredo. "Não deve haver preocupação porque o Brasil tem uma longa tradição de cumprimento dos contratos que assina na área internacional e, portanto, não há porque esperar que um acordo feito nesta administração não seja honrado pelo próximo governo". Acrescentou que o clima favorável ao País vai permitir obter condições muito melhores do que no passado, que devem satisfazer o sucessor de Figueiredo.

Lembrou que acabam de ser concluídas as operações de renegociação do México e agora da Venezuela, em condições que ele acredita mais positivas do que nos anos anteriores, de modo que o Brasil obterá resultados ainda mais favoráveis. "Acredito que o Brasil vai utilizar mais ou menos a mesma sistemática de renegociação com os bancos credores", comentou, dando a entender que serão refinanciadas as amortizações de vários anos e que o empréstimo de aproximadamente US\$ 2,5 bilhões a ser solicitado para 1985 será concedido com base em taxas de risco menores do que no ano passado.